

tempo

O ra ele parece curto, ora comprido. Mas nunca encolhe nem estica. O tempo fica parado, e somos nós que nos movemos. O tempo das obrigações nos pressiona do lado de fora, enquanto por dentro funcionamos em outro ritmo. A maturação interior precisa dos mergulhos na concretude do presente, mergulhos na textura da folha e nos cheiros da terra, mergulhos no tocar e ser tocado pela vida. Amarrados em burocracias e dificuldades – a maioria delas arquitetadas por nossas escolhas anteriores –, sentimos o tempo acorrentado. A densidade de tudo o que nos cerca torna o experimentar menos fluido e mais pesado.



“Quando pousa o pássaro / quando acorda o espelho / quando amadurece a hora.”

Orides Fontela

página 2



“Mergulhamos no tempo, para colher no regaço de suas anotações, a fim de fomentar nosso saber com as coleções que ele encerra!”

NA LUZ DA VERDADE
MENSAGEM DO GRAAL

Abdruschin



Leia também

MERGULHO EM TEMPO

página 3

ABALOS ANÍMICOS

página 4

Mergulho em tempo

Sibélia Zanon

E stava esperando os rabanetes ficarem maduros, prontos, crescidos. Eles até já estavam, eu ainda não. Às vezes me perco dos tempos da terra. Quando fui efetivamente sentir com as mãos o que acontecia, percebi rachaduras nas esferas vermelhas – tão maduras elas já estavam.

Mergulhamos num tempo que não se move. O tempo é. Nós passamos por ele em busca da grande colheita de experiências. Muitas vezes, por estarmos distraídos em abstrações passadas ou futuras, nós nos afastamos da experiência – nos perdemos da maturação do rabanete.

No livro *Na Luz da Verdade*, Abdruschin traz a seguinte reflexão: *“O tempo permanece parado. Continua o mesmo hoje, ontem, durante mil anos! Somente as formas é que variam. Mergulhamos no tempo, para colher no regaço de suas anotações, a fim de fomentar nosso saber com as coleções que ele encerra! Pois nada se perdeu, tudo ele preservou. Não mudou, porque é eterno.*

Tu também, ó ser humano, és sempre apenas o mesmo, quer pareças jovem ou velho! Permaneces aquele que és!”

Ainda que renovados e constantemente impactados por novas experiências, por dentro carregamos uma essência particular que caminha pelo tempo, pela existência. Ainda que mais velhos, revisados e remodelados, a essência permanece.

E o que essa essência deseja? Nem sempre o tempo do relógio parece colaborar.

Por um lado, a materialidade mais densa, em que estamos inseridos, implica uma

relação de espaço e tempo, em que a experimentação é mais lenta. Aquilo que se experiencia demora para sedimentar.

Por outro lado, o tempo do relógio – *chronos* – parece exercer uma pressão diferente daquela que o tempo interno – *kairós* – deseja ou precisa para efetivamente se apropriar do experienciado.

Transformar internamente a experiência em marco de desenvolvimento leva seu tempo. Não estamos prontos para uma nova experiência quando a anterior ainda está reverberando e nos impactando por dentro. A aceleração constante combina com a máquina, não com o ser orgânico que somos, também sujeitos receptores e transformadores da vida. Tanto o corpo físico quanto o corpo interior precisam de tempo para perceber, entender e amadurecer determinadas curas ou convicções.

Como cada escolha é semente e implica um frutificar, nem sempre os frutos que colhemos permitem lidarmos do jeito que queremos com o tempo. Pode ser, por exemplo, que por um período o trabalho ocupe um espaço muito grande do nosso dia. Pode ser que alguma doença mude a relação que temos com o tempo.

Quanto tempo cada um tem?

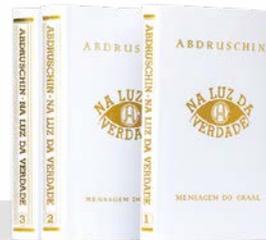
Assim como a terra está o tempo todo sendo influenciada pelo Sol, pela chuva, pela serrapilheira, nossa trajetória também está sendo influenciada por novas direções. Apesar das limitações, cada nova escolha, por pequena que seja, tem sua influência em abrir brechas para que o *chronos* possa, aos poucos, ceder algumas regalias para o *kairós*.



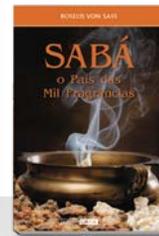
Fazer as pazes com o tempo talvez seja uma maneira de se unir às colheitas, de aceitar o fruto e reconhecer o seu tempo particular e o tempo da terra.

O rabanete amadurece. Nós também amadurecemos por meio das tantas experiências colhidas, para, enfim, perceber a importância das horas.

“Qual é a hora que o relógio do Universo anuncia? Será que ainda tenho tempo de libertar-me daquilo que não vibra em harmonia dentro de mim?”, escreve Roselis von Sass no livro *Sabá, o País das Mil Fragrâncias*. ✨



NA LUZ DA VERDADE
Mensagem do Graal
Abdruschin



SABÁ, O PAÍS DAS MIL FRAGRÂNCIAS
Roselis von Sass

▶ Cotidiano

Espiando pela fresta

Quantas vezes ao chegar em casa, cansada do trabalho ou animada com alguma perspectiva, insegura com o mundo ou cheia de esperança, escuto os passos do Guilherme vindo em minha direção... o riso brincante se esticando até o olhar sem disfarce. Basta o barulho da porta do elevador se abrindo, e eu já posso quase vê-lo, porque a voz, a atmosfera e os movimentos todos chegam antes mesmo dele. É como se ele estivesse atento ali pela sua sala e pudesse pressentir minha chegada.

Não tivemos muito contato, mas os poucos momentos juntos foram marcantes. Sem a intenção, ele me fez ter a sensação de pertencer a um conjunto, uma sensação quase de proteção e de unidade. Algo solidário, simpático e até divertido.

Dizem, porém, que o que é bom não é para sempre. E foi num desses dias que ouvi a outra voz. Voz que se adiantou como pôde, quase não chegando a tempo: “Não, Guilherme!”. Pude ainda ouvir o Guilherme ficando na pontinha dos pés, as mãos pequenas alcançando as chaves, mas a voz mais forte o intimidou, e naquele dia... não nos encontramos. Aquilo aconteceu outras vezes. Senti um misto de completa compreensão e uma pitada de decepção.

Sim, se fosse meu filho, certamente eu faria o mesmo. Também considero isso educação. Afinal, ir olhar o morador do apartamento vizinho, a cada vez que ele entra ou sai de casa, parece invasão de privacidade ou mesmo uma curiosidade desmedida. Mas, será? Fiquei me questionando até que ponto educamos e até que ponto moldamos uma pessoa a ser comedida e pouco espontânea. Até que ponto os comportamentos são socialmente corretos ou não e onde ficam todas essas regras armazenadas...

Assumimos todas elas como verdade absoluta: quando aparece alguém em tal situação, julgamos que

temos de fazer isso. Se alguém fala aquilo, fingimos que não discordamos para sermos gentis. E tudo isso vai criando uma gigantesca massa anônima de presidiários dentro de si mesmos.

É claro que a mãe do Guilherme não é a grande vilã do mundo. Mas os dois me fizeram pensar... A minha porta se abre, a porta dele também. Nos encontramos frente a frente no minúsculo *hall* do elevador, que serve nossos apartamentos. Ele sorri escancarado e maroto.

É bom descobrir vez ou outra, despreziosamente, que o anonimato da grande cidade ainda guarda Guilhermes. Guilhermes crianças, moços, adultos ou velhos nos mais surpreendentes becos do dia. Ainda que poucos, eles deixam suas marcas...

Sabe, Guilherme, acho que amanhã vou me espiar em você e sorrir um pouco mais para a pessoa que eu encontrar no elevador. E não vou sentir medo ou pressa ou indiferença e serei mais curiosa. Vou ter curiosidade suficiente para querer saber quem é aquela pessoa que mora bem ao meu lado e que cara ela tem...

Ah, Guilherme, como eu gostaria de conhecer mais pessoas como você! Mal imagina a sua mãe... Mal sabe ela que os seus passos apressados e seu sorriso ultrapassam as paredes do apartamento... e que a sua *espiadinha* diária faria o final do meu dia mais engraçado e acolhedor.



ESPIANDO PELA FRESTA
Sibélia Zanon

Abalos Anímicos

Daniela Schmitz Wortmeyer

Ainda me lembro com nitidez daquela cena: ela caminhava apressada com uma folha nas mãos, lendo o conteúdo, enquanto lágrimas se avolumavam em seu rosto. Entrou quase em fuga no vestiário. Eu, que passava pelo corredor nesse exato momento, tive o impulso de segui-la, sentindo que deveria ajudar.

Trabalhávamos em setores distintos, embora próximos, e nossos contatos até então se resumiam a poucas conversas triviais. E eis que, de súbito, me vejo diante dela, agora sentada em um sofá entre os armários do vestiário, com um diagnóstico em mãos: “câncer”.

O turbilhão em que ela se viu a partir desse dia acabou envolvendo várias pessoas. Entre torrentes de lágrimas, apreensões compartilhadas, histórias inspiradoras contadas, palavras de apoio e carinho, abraços e orações, foi se formando uma comunidade em torno dela, cada um se esforçando para auxiliar como podia. Os laços foram se fortalecendo, pessoas antes dispersas passaram a se integrar e colaborar, sensibilizadas pelo que ocorria.

A partir daquele forte abalo, em que a terra pareceu tremer e escapar de baixo dos pés, muita coisa pôde vir à luz. Nossas conversas cotidianas se tornaram mais profundas e significativas, tocando em

temas como a percepção da fragilidade da própria vida, os medos ligados ao que aconteceria consigo e com a família, reflexões sobre o que significou sua jornada até ali, perguntas sobre o real significado da existência, a busca por compreender os porquês, nos campos físico, emocional, espiritual... Em certa medida, cada um convivenciava o intenso processo que se desenrolava.

“Não sou mais a mesma pessoa”, ela me disse algum tempo depois. Com as múltiplas vivências nesse processo, seu olhar sobre a vida se transformou: prioridades e hábitos de vida mudaram, a forma de se relacionar com os outros e consigo mesma, também. Cada novo dia passou a ser vivido com gratidão e cuidado, com atenção aos pensamentos e sentimentos cultivados, enxergando as pessoas além das aparências e procurando auxiliar onde fosse possível e necessário.

De minha parte, sinto que fui ricamente presenteada pela oportunidade de coparticipar da trajetória daquela que se tornou uma grande amiga. Passados quase dois anos, vejo-a hoje como uma alma humana em pleno florescimento: um verdadeiro exemplo de força, superação e beleza, com o qual procuro aprender a cada encontro. 

“O sofrimento e também a alegria batem continuamente à porta, estimulando, sacudindo para um despertar espiritual. Durante segundos fica então o ser humano muitas vezes libertado das futilidades da vida cotidiana e sente, tanto na felicidade como na dor, ligação com o espírito que perflui tudo o que é vivo.”

Abdruschin, *Na Luz da Verdade*

AO LEITOR

A Ordem do Graal na Terra é uma entidade criada com a finalidade de difusão, estudo e prática dos princípios da Mensagem do Graal de Abdruschin “NA LUZ DA VERDADE”, e congrega as pessoas que se interessam pelo conteúdo das obras que edita. Não se trata, portanto, de uma simples editora de livros. Se o leitor desejar uma maior aproximação com as pessoas que já pertencem à Ordem do Graal na Terra, em vários pontos do Brasil, poderá nos contatar:

Por telefone:

(11) 4781-0006

Por carta:

ORDEM DO GRAAL NA TERRA
Caixa Postal 128 - CEP 06803-971
Embu das Artes - São Paulo

Internet:

graal.org.br
graal@graal.org.br
facebook.com/OVagaLume
instagram.com/o_vaga_lume

Sucursais:

Apucarana	(43) 3422-3331
Campinas	(19) 9 9261-2772 (11) 9 8469-4067
Cuiabá	(65) 3624-8199
Curitiba	(41) 3672-3500
Fortaleza	(85) 3267-9004  (85) 9 8723-1713
Franca	(16) 3701-0200
Gravatá	(51) 9 9955-3548
Santo Ângelo	(55) 3312-6123

Os livros editados pela Ordem do Graal na Terra podem ser adquiridos em diversas livrarias e bancas, através da Internet ou do telemarketing. Também estão disponíveis para consulta em várias bibliotecas. Verifique na sua cidade.



Caixa Postal 128 - CEP 06803-971
Embu das Artes - SP
Fone e Fax: (11) 4781-0006
graal.org.br

Edição simplificada da Revista O Mundo do Graal editada pela Ordem do Graal na Terra e registrada no Cartório do 2º Ofício de Notas e Anexos, da Comarca de Itapetereira da Serra, São Paulo.

Frases e trechos de livros citados nesta publicação, que não aqueles de livros editados pela Ordem do Graal na Terra, são apenas ilustrativos. A entidade é independente, não tendo relação

com outras filosofias e autores, nem com outras opiniões expressadas por eles.

Redação/Jornalista Responsável:
Sibélia Schuler Zanon
MTb: 40.610

Ilustrações: Fátima Seehagen
Projeto Gráfico e Diagramação:
Indaia Emília Schuler Pelosini
MTb: 19.109

2024 - maio/junho/julho/agosto

Tiragem: 10.000

Certificação FSC®